

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Sumário:

Situação Econômica da Mamona	1	-5
Características da Lavoura Algodoeira de São Paulo	6	-8
Mercados e Pregos	9	-11
Pregos médios recebidos pelos lavradores em julho	12	
Pregos médios recebidos pelos lavradores em agosto	13	
Situação da Lavoura no mês de julho	14	-15
Situação da Pecuária no mês de julho	20	-22
Estatísticas de Importação e Exportação pelo Porto de Santos	23	
	25	

A N O II N° 8
AGOSTO DE 1952

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural
Rua Anchieta, 41 - 6º andar, Caixa Postal, 8083

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

S E C C Õ E S

Política da Produção Agrícola

EngºAgrº Ruy Miller Paiva (chefe)
EngºAgrº Salomão Schattan

Mercados e Preços

EngºAgrº Rubens A. Dias (chefe)
EngºAgrº Constantino C. Fraga

Previsão de Safras e Cadastro

EngºAgrº Mario Zaroni (chefe)
EngºAgrº Oswaldo B. Costa

Organização e Administração Rural

EngºAgrº O. J. T. Etori (chefe)
EngºAgrº Fernando S. Gomes Jr.

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Engº Agrº Ismar Ramos

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Brasil

Impresso na Diretoria de
Publicidade Agrícola

A SITUAÇÃO ECONÔMICA DA MAMONA

Introdução:- O Brasil tem na mamona, uma das suas grandes riquezas. Devido as suas inumeráveis aplicações, o produto dispõe de um largo mercado, não só interno como internacional o qual, tende a expandir-se firmemente a medida sobretudo, que novas descobertas para a sua utilização vão sendo incorporadas ao domínio prático. Exemplo sugestivo a esse respeito é o grande emprego atual do óleo de mamona no fabrico de varios tipos de tintas onde entra, quer como substituto do óleo de tungue, quer ocupando um lugar definido na composição desses produtos. Essa utilização, que data de época relativamente recente pois coincidiu aproximadamente com a segunda guerra mundial, tornou-se possível pela desidratção do óleo de mamona, que lhe conferiu propriedades secativas. Seria interminável a citação dos diversos usos do óleo de mamona, entretanto, para se fazer ideia, basta dizer que ele é empregado quer nas perfumarias, quer como fluido no mecanismo de recuo dos canhões, passando pelo uso medicinal e entrando ainda no fabrico de certas materias plasticas.

Panorama Nacional:- Cultura até certo ponto imune às pragas e moléstias e relativamente barata, cresce a mamoneira em todo o territorio nacional. Encontra-se em estado selvagem ou cultivada. As culturas são geralmente pequenas e intercaladas com outras, mormente com os cereais. As grandes culturas são também encontradas, mas, com muito maior frequência quando os preços se tornam estimulantes.

A lista dos estados produtores vai desde o Pará até o Rio Grande do Sul. Tradicionalmente, a Baía lidera a produção brasileira, seguida de perto por São Paulo, e, em certos anos trocando de posição com este, Ceará e Pernambuco, disputam o terceiro lugar com vantagens para o primeiro nos últimos anos. Seguem-se Minas, Paraíba, Alagoas, Parana etc.

No quadro abaixo podemos verificar a produção brasileira e de alguns estados, nos últimos dez anos.

Quadro I
Produção de mamona no Brasil em toneladas de bagas

Anos			Baía	S. Paulo	Ceará	Pernambuco	Minas
	Rendimento kg/ Ha	Toneladas					
1942	1022	129.568	25.256	95.482	25.000	25.000	21.599
1945	1051	158.719	35.665	54.186	27.441	37.570	18.026
1944	892	185.098	50.178	38.352	31.915	27.449	18.113
1945	802	160.456	25.125	50.539	41.414	23.957	15.833
1946	819	164.064	35.457	48.568	34.251	33.916	14.385
1947	854	182.950	41.096	78.395	35.762	40.659	13.734
1948	895	251.147	65.480	46.527	39.280	42.416	13.494
1949	812	201.179	49.961	41.500	37.882	33.572	12.932
1950	869	183.996	62.708	29.775	41.679	34.845	11.526
1951	868	188.555	53.249	49.065	25.070	45.115	

Fontes:- São Paulo- Seção de Previsão de Safras e Cadastro S.A.
Demais . S.E.P.- Ministério da Agricultura.

Quanto às exportações, apesar da crescente importância do mercado interno, continuam absorver o grosso da nossa produção. Convm assinalar que a mamona sempre figurou, pelo valor, em lugar de destaque na nossa pauta exportadora. Somando-se o valor representado pelas exportações da baga e do óleo, a mamona ocupou em 1950 o 8º lugar entre os produtos que mais divisas nos proporcionaram. No ano passado, cregceu a sua importância, passando para o 6º lugar. Via de regra, destinando-se cerca de 90% das nossas vendas aos Estados Unidos, as exportações de mamona carregam para o nosso País importante soma, em divisas fortes. A Inglaterra, Holanda, França, Japão e Austrália constituem outros importantes países compradores.

Aspecto Internacional: O Brasil é o maior produtor e exportador do mundo, seguido de perto pela Índia que até 1936 liderava o campo mundial. A União Soviética ocupa o terceiro lugar seguida pela China (Mandchúria), Angola, Indochina etc.

Pelo quadro abaixo podemos verificar a posição de diversos países produtores.

Quadro II

Produção da Mamona nos Principais Países Produtores e no Mmdo...
Em toneladas-curtas (907,2 quilos) de bagas.

Continente Média do período	1947	1948	1949	1950	1951		
* Países 1935/39	1948						
América do Norte							
México	2.769	3.235	3.785	3.398	4.409	4.409	-
total	3.750	6.000	8.100	6.660	7.560	8.620	33.570
América do Sul							
Argentina	8.901	8.188	1.984	7.385	8.598	4.936	-
Brasil(2)	147.996	180.798	201.588	254.723	221.699	202.763	207.765
Colúmbia	784	5.133	-	-	-	-	-
Equador	29(1)	1.014	2.866	3.549	4.056	-	-
total	160.900	196.580	212.900	272.030	240.450	174.180	152.780
Ásia							
Índia	127.456	137.760	131.040	132.160	120.960	143.360	118.720
Indochina	5.512	77	-	-	-	-	-
Mandchúria	26.660	-	-	-	-	-	-
total	168.970	178.890	172.000	174.600	163.800	185.760	160.880
Europa							
Itália	3.788	1.678	4.683	3.217	2.452	876	-
total	7.165	2.912	11.080	7.390	8.370	5.190	6.910
União Soviética							
	117.745	-	-	55.110	-	-	-
África							
Angola	4.614(1)	10.803	4.826(1)	4.409	6.200	14.019(1)	-
Moçambique	1.460(1)	3.642	2.083	4.840	2.687(1)	4.450(1)	-
Madagascar	3.439	3.307	2.642(1)	3.233	3.858	3.300	-
total ...	12.900	22.670	26.050	29.150	39.050	47.400	46.460
total mundial	471.430	435.600	460.150	544.940	514.000	486.200	480.500

(1) Quantidade exportada.

(2) De 1946 em diante, S.E.P. Ministério da Agricultura.

(Fonte: Foreign Crops and Markets. V. 63- nº 18, USDA.

Quadro III

Exportações Brasileiras de Baga e Óleo de Mamona

ANOS	Toneladas		Valor Cr. \$ 1.000,00	
	Baga	Óleo	Baga	Óleo
1942	116.169	2.587	149.450	11.548
43	155.685	12.629	207.926	46.836
44	145.477	7.016	187.722	29.888
45	150.447	5.844	199.624	28.387
46	99.419	6.716	195.604	48.090
47	158.548	6.266	618.902	64.738
48	163.515	5.212	439.715	40.146
49	132.213	10.614	261.252	51.462
1950	84.151	24.593	177.474	123.697
51	50.493	29.571	186.461	249.358
Até março				
1952	8.892	7.979	34.661	71.840

Fonte: Até 1949 - I.B.G.E. De 1950 em diante - Comercio Internacional - Cexim - Boletim mensal,

No mesmo período, as exportações do Estado de São Paulo, foram as seguintes:

Quadro IV

Exportação de Baga e Óleo de Mamona pelo Porto de Santos

ANOS	Toneladas		Valor em Cr. \$ 1.000,00	
	Baga	Óleo	Baga	Óleo
1942	28.334	-	36.992	-
43	75.955	-	103.066	-
44	56.447	-	74.523	-
45	57.653	-	79.370	-
46	7.738	-	14.213	-
47	48.563	1.874	199.898	-
48	54.759	1.274	152.909	-
49	24.985	2.557	49.858	-
1950	6.485	6.677	14.402	-
51	6.875	11.689	-	-

Fontes: Óleo - C.D.S. Baga - de 1942 a 1944 inclusive, D.E.E. de 1945 a 1950 I.B.G.E. 1951 C.D.S.

O quadro das exportações brasileiras mostra que o valor das exportações do óleo superavam nitidamente em 1951 o valor representado pelas vendas das bagas. No primeiro trimestre deste ano, as divisas proporcionadas pelo óleo ultrapassaram em mais do dobro as fornecidas pela baga. Esse auspicioso fato não se deve unicamente as presentes necessidades atuais dos EE.UU. e a recente política de restrições as exportações de baga, adotada pela Índia. Contribuiu também para isso a boa qualidade do nosso óleo, perfeitamente comparavel em qua-

lidade ao produto norte americano. Mercê do adiantado estágio de industrialização que atingimos nesse setor, estamos em condições de atender os mais exigentes mercados consumidores.

Finalmente, como atual característica do mercado internacional convém salientar a grande necessidade que têm os norte americanos de se garantirem com um satisfatório abastecimento desse produto, quer devido a sua importância estratégica, quer como substituto do óleo de tungue no fabrico de tintas. Sendo a China o principal produtor e exportador deste último óleo, o seu fornecimento aos EE.UU. tornou-se aleatorio, daí surgindo maior procura pelo óleo de mamona.

Conclusão e Recomendações: Com a abertura de novos campos de aplicação como o fabrico de tintas e o mundo dos plásticos, a mamona representa hoje importante fator na industrialização de um país. Nosso consumo interno, embora venha acusando continuos progressos, é ainda reduzido. O aumento desse consumo interno fica em grande parte na dependência do desenvolvimento geral da industria, salvo naturalmente a utilização do produto, como substituto. Deriva daí, a importância que assume as exportações para a segurança e o progresso da nossa produção de mamona. A manutenção de volumosas exportações contribue poderosamente para a implantação de melhores técnicas de produção, de comercialização e da própria industrialização. Além dessa importante função, é preciso considerar a ponderável contribuição que as exportações de baga e óleo trazem ao nosso poder de troca com o exterior. A esse respeito, registre-se o fato de que o valor das exportações daqueles dois produtos, em 1951, superaram em mais de três vezes o valor das nossas importações de tratores e se aproximaram muito da quantia dispêndida com a compra de carvão de pedra.

Poder-se-ia alegar que, se nosso país secundasse a política indiana de exportar o óleo, ao enves de baga, os mercados importadores teriam de se conformar com essa diretriz, em virtude do domínio que as duas nações exercem no mercado mundial. A nosso ver, entretanto, esta é uma política perigosa, que além de outros inconvenientes tende a incentivar o plantio em outras áreas e as pesquisas técnicas sobre eventuais substitutos. Ainda mais, no momento, tal política não consulta os interesses do Brasil que vem obtendo sucesso nas exportações de óleo, desfrutando unicamente das oportunidades que se lhe tem deparado.

A diretriz geral a ser adotada será por conseguinte, a de manter e procurar consolidar cada vez mais a nossa posição de maior produtor e exportador mundial de mamona, sem pretender impor, ao menos momentaneamente, qualquer discriminação acentuada para as exportações de óleo ou da baga.

Na consecução desse objetivo avultam as medidas relativas à produção e ao comércio externo. No tocante a produção, destacam-se as seguintes providências:

- a) - Incentivo a aplicação de métodos racionais de cultivo e melhoria técnica, como sejam, o maior emprego de máquinas, a introdução de variedades mais produtivas e com maior teor em óleo etc. A este

CARACTERÍSTICAS DA LAVOURA ALGODOEIRA DE SÃO PAULO

Em prosseguimento à análise dos dados colhidos no levantamento dos custos de produção de café, algodão, arroz e milho levados a efeito por esta subdivisão e já publicados (A agricultura em São Paulo, ano II nº 4) focalizaremos alguns aspectos que caracterizam a lavoura algodoeira paulista.

Sistema de exploração:— Dividimos os produtores de algodão em dois grupos distintos: os proprietários e os arrendatários. Para ambos admitimos duas classes, isto é, os que produzem por conta própria e os que produzem por parceria. Isso fizemos porque, em princípio, pode-se definir parceria como uma forma de contrato feito entre o empresário agrícola e o trabalhador; e arrendamento, uma forma de contrato de aluguel de terra entre o proprietário da terra e o empresário agrícola. Na prática, a distinção desses grupos não é fácil, pois existem inúmeras variedades de formas contratuais entre o proprietário, o empresário e o trabalhador, nos quais colidem o princípio por nós adotado.

Como situar por exemplo o proprietário que dá a terra a um empresário e recebe o pagamento em percentagem, de acordo com a colheita ?

Neste caso é difícil dizer, se o proprietário é arrendador ou se está fazendo com o empresário um contrato de parceria. Neste caso, o critério por nós adotado foi o de considerar a quem cabe a maior parcela de responsabilidade da empresa: se ao proprietário, consideraríamos como caso de parceria; se ao empresário teríamos um caso de arrendamento. Fixado este princípio, encontramos em nossa amostra, constituída de 84 propriedades o seguinte:

PROPRIETÁRIOS		ARRENDATÁRIOS	
Parceria	Conta Própria	Parceria	Conta Própria
42	23	4	22

A soma dessas classes atinge 91, porque 5 proprietários, além de tocarem suas lavouras por conta própria, ainda tem uma parte em parceria; dois outros proprietários ainda dão arrendadas alguma glebas.

Assim 71,4% da nossa amostra era constituída de proprietários e 28,60% de arrendatários.

A parceria na classe dos proprietários foi de 72,5% e na classe dos arrendatários de 15,4%

Os que produzem por conta própria dentro da classe dos proprietários representavam 27,5% do total e na classe dos arrendatários,

84,6%.

As formas de parcerias em ambos as classes foram as mais variáveis possíveis, e, conforme as vantagens oferecidas pelo empresário, oscilava a percentagem como mostra o quadro abaixo.

PARCERIA

%	Propriedades
50	11
45	2
40	5
33	4
30	2
25	10
20	1

Dentro da classe dos parceiros ainda admitimos 7 propriedades que contribuíam com quota fixa por alqueire, variando de 15 a 30 arrobas, assim distribuídos.

15 arrobas	1 propriedade
20 "	1 "
25 "	1 "
30 "	4 propriedades

Nota-se pelo exposto que a classe de maior frequência é a de 50%, que conta com 11 propriedades, logo seguida da de 25%. No caso da quota fixa, a que prevaleceu foi a de 30 arrobas por alqueire.

Com os arrendatários, a base de percentagem foi de 50%.

Geralmente, em ambos os grupos quando a base era de 50% as vantagens oferecidas pelos empresários eram mais ou menos as mesmas, ou sejam: terra preparada, inseticida, formicida, semente e as vezes adubo. O que variava era a base de financiamento e os juros cobrados por esse financiamento.

À medida que vai decrescendo as percentagens recebidas pelo empresário, vão também diminuindo as vantagens merecidas pelo proprietário da terra.

Práticas Agrícolas:- Anotamos as seguintes práticas:

- a) Destoca:- Apenas 5 das 84 propriedades que cultivavam algodão, praticaram essa operação, em uma área de 101 alqueires ou seja apenas 2,2% da área total cultivada.

- b) Limpeza do terreno:- Esta prática é constituída de descoivamento com enxada ou foíce e foi realizada em 57 propriedades, ou seja, em 67,8%. A área coberta por essa operação foi de 3.051, 58 alqueires, que constitui quase 2/3 da área cultivada, de nossa amostra.
- c) Aração:- Apenas 8 propriedades não executaram essa prática. A área arada foi de 3.372,08, ou seja 76 % da área cultivada.
- d) Gradeação:- Das 76 propriedades que araram para o cultivo do algodão, apenas 42 completaram essa prática com a gradeação. A área gradeada foi de .. 1.543 alqueires ou seja 45,7% da área arada e 34,79% da área cultivada.
- e) Riscação e Semeadura:- 60 propriedades executaram essa prática, entretanto, apenas 19 fizeram a sementeação mecânica e 16 fizeram-na com plantadeira manual. As 25 restantes, plantaram em cova.
- f) Adubação:- Foram adubados apenas 452 alqueires ou seja a insignificante percentagem de 10% da nossa amostra. Apenas 15 propriedades a executaram e a quantia média distribuída por alqueire cultivado foi de apenas 121 cruzeiros.
- g) Carpas:- A utilização da enxada foi quase que absoluta, pois, 83 propriedades dela fizeram uso. Isso é admissível porque a carpa mecânica é sempre completada com a carpa manual. Entretanto, foi bastante alto o índice de carpas mecânicas pois, 70 propriedades a executaram ou seja 84% da amostra. O número médio de carpa manual foi de 3,3 por alqueire e o de carpa mecânica foi de 3,4.
- h) Desbaste:- Foi desbastada uma área equivalente a 89% da cultivada. Apenas 4 propriedades deixaram de fazer o desbaste de suas culturas.

Extinção de pragas:- Executada em 70 propriedades e cobrindo uma área de 3.911 alqueires, ou seja, 88% da total da amostra. O número médio de pulverizações foi 4 e a quantia média gasta por alqueire cultivado foi de Cr\$ 382,40. Das 70 propriedades que combateram as pragas algodoeiras, 15 usaram o inseticida em polvilhamento e as restantes em pulverização, o que dá uma relação de 1 para 3,6.

Essas foram as práticas e a intensidade das mesmas que encontramos na determinação do custo de algodão em 1948/49.

MERCADOS E PREÇOS

Café- As exportações no primeiro mês da safra em curso, isto é de 52/53 foram bastante satisfactorias. Com efeito, pelo porto de Santos saíram 709.620 sacas ou sejam cerca de 54% a mais que em julho do ano passado. As exportações brasileiras, embora superassem em mais de 20% o total registrado em igual período do ano passado foram ligeiramente inferiores as do mês anterior. O total exportado pelo país, em julho, foi de 1.072.676 sacas contra 1.086,946 em junho, total de café registrado em Santos no mês inicial da safra também bastante superior ao assinalado em igual período da safra anterior.

Na praça de Santos, o mercado do disponível esteve pouco ativo, com ligeira tendencia de alta. Entre o principio e o fim do mes de julho foram as seguintes as modificações ocorridas nas cotações do produto:

C A F É
Cr\$ por 10 quilos - julho

Dias	Disponível Tipo 4	Entregas Diretas			
		Mês presente	Agô/Dez.	Jan/Jun	Júli/Dez.
1	198,00	198,50	199,50	202,00	200,50
31	199,00	200,00	200,50	205,00	205,00
Diferença	+8,00	+1,50	+1,00	+3,00	+4,50

Os preços do produto se mantêm acima do preço mínimo garantido pelo Governo, razão porque a D.E.C. não tem efetivado compras. Alguns círculos interessados tem criticado a Divisão de Economia Cafeeira pelo fato de serem seus preços inferiores as cotações vigentes. Neste ponto, tais críticas são, totalmente insubsistentes, uma vez que o principal objetivo do preço mínimo, neste caso, é impedir que as cotações do café desçam abaixo do preço fixado e nao a de promover a valorização artificial do produto.

Aliás, a própria superioridade dos preços do mercado sobre o preço mínimo, pode comprovar em parte, a ação de presença que este sistema está desempenhando no mercado do café.

No interior, o preço médio recebido pelos lavradores pelo café em côco foi de Cr\$ 317,90 ou, Cr\$ 18,70 a mais que a media do mês passado. Essa alta foi proporcionalmente menos sensível para o café beneficiado, cuja média de julho foi de Cr\$ 1.070,10 contra Cr\$ 1.034,70 em junho.

Algodão:- Na Bolsa de Mercadorias de São Paulo o mercado mostrou-se muito calmo. Entre o princípio e o fim do mês, as cotações do produto acusaram queda para o disponível e para os meses próximos do termo. Para os meses mais distantes, o termo registrou ligeira alta. Vigoraram as seguintes cotações nos dias 2 e 31 p.p.

ALGODÃO EM PLUMA

Junho

Cr\$. por 15 kg.

Dispon.	Dias tip.	5	Contra	Dias	T E R M O						
					mes	agos.	outub ^o	dezemb ^o	março 53	maie	julho
			tos	presente							
	2	298,00	"C"	2	293,00	-	299,00	305,00	310,00	-	-
				31	-	N/C	296,50	306,00	315,00	-	-
	31	288,00	Nacio	2	285,00	-	288,00	304,50	-	-	-
			nal.	31	-	-	-	-	-	-	-
	Dif.-10,00		"C"	-	-	-	-2,50	+1,00	+5,00	-	-
			Nacio	-	-	-	-	-	-	-	-
			nal.	-	-	-	-	-	-	-	-

Nota:- A cotação do "Contrato Nacional" e dada em quilos mas vai aqui indicada em arrobas de 15 quilos para efeito de uniformização.

Os negócios realizados no termo, foram reduzidos, sendo cerca de 8 vezes inferior ao total de julho do ano passado.

Com a exceção do tipo 4/5, os ágios, em fins de julho, são este ano maiores que do ano passado. Quanto aos deságios, são eles menores para os tipos mais próximos do tipo base e maiores para os ágios inferiores. É o que se constata pelo exame do seguinte quadro.

Quadro II

Ágios e deságios em fins de julho em Cr\$ por arroba de 15 quilos em pluma

Tipos		
2	Nominal	Nominal
3	+ 40,00	+ 44,00
3/4	+ 35,00	+ 39,00
4	+ 30,00	+ 34,00
4/5	+ 17,00	+ 16,00
5	Base-254,00	Base-288,00
5/6	- 15,00	- 14,00
6	- 28,00	- 23,00
6/5	- 34,00	- 39,00
7	- 37,00	- 44,00
8	- 39,00	- 55,00
9	- 43,00	- 59,00

O total de algodão entrado nas usinas até 31 de julho ultrapassava a última estimativa da presente safra. Se esse total representar a porcentagem média das entradas verificadas nas últimas cinco safras até a mesma data, isto é, 85,92% do total final, iremos colher este ano cerca de 14% a mais do que o previsto.

Deve-se considerar, entretanto, que dentre as 58.389.000 arrobas que deram entrada nas máquinas até 31 de julho há também algodões de outros Estados, notadamente do Norte do Paraná. De qualquer modo, pode-se afirmar desde já, que o montante da safra será nitidamente superior ao estimado.

Quanto à primeira estimativa oficial sobre a safra norte-americana de 52/53, ficou ela aquém da grande maioria das avaliações particulares. O volume previsto não é entretanto suficiente para ocasionar grandes mudanças na situação estatística do produto. Com efeito apesar de estar 1.265.000 fardos abaixo do objetivo visado de 16 milhões de fardos, a redução mundial no consumo e o aumento de produção em outras áreas, fazem prever um "carry over" final um pouco superior ao da estação recém-terminada.

Arroz: O preço médio recebido pelos lavradores em julho foi de Cr\$. 204,30 por saca em casca, ou seja Cr\$ 8,20 a mais que em junho e Cr\$ 103,80 superior à média registrada em igual período do ano passado. Esta enorme elevação dos preços, ou seja 103,2% entre o ano passado e este, é devido em sua maior parte, como já tivemos ocasião de assinalar, à substancial redução no volume produzido no Brasil Central. Na Bolsa de Cereais de São Paulo o mercado esteve firme, com as cotações em ascensão. Em virtude dos altos preços e das dificuldades de abastecimento reinantes na Capital, a C.O.A.P. conjuntamente com a Comissão de Financiamento passou a intervir no mercado, fornecendo a preços bem mais acessíveis o arroz adquirido há certo tempo pela última dessas entidades.

Banana: As exportações pelo porto de Santos em julho atingiram o substancial volume de 913.582 cachos.

A pesar de considerável, este volume é ligeiramente inferior às exportações de junho (915,606) e 25% menor que o " record " mensal dos últimos anos, estabelecido no mês de maio.

A Argentina encabeça de longe a lista dos nossos compradores, absorvendo aproximadamente 86% daquele total. A Alemanha se colocou em segundo lugar no referido mês de julho, deslocando o Uruguay para o terceiro posto. Nesse período, não foram efetuados registros de exportações para o Chile, o qual, entrou no mercado em junho em resultado do acordo comercial concluído com o Brasil

Milho: Apesar de ter acusado uma ligeira baixa em relação ao mês anterior, Cr\$ 100,50 em julho contra Cr\$ 101,20 em junho, o preço médio recebido pelos lavradores se manteve em elevados níveis, sendo

LEVANTAMENTOS ECONOMICOS DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
MÊS DE JULHO DE 1952*

POR SETORES AGRICOLAS	ARROZ		FEIJÃO		MILHO		CAFÉ			ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM	MAMONA	BATATA
	Em casca scs.60k	Benef. 60kg.	Scs.de 60kg.	Scs.de 60kg.	Em casco Scs.40k	Benef. Scs.60k	Por arroba	Em casca Scs.25 kg.	Por Qtilo	Scs.de 60 kg.			
Araçatuba	212,70	332,80	169,70	105,60	315,60	1.096,00	85,00	74,80	2,53	-			
Araraquara	214,00	309,00	179,70	104,10	325,20	1.111,50	88,40	92,50	-	-			
Avare	210,90	342,40	185,30	88,90	320,50	1.074,50	85,00	-	2,68	179,80			
Bauri	211,70	329,20	191,70	94,60	317,40	1.057,20	85,00	66,80	3,27	209,60			
Bebedouro	190,40	350,10	200,50	97,10	305,20	1.085,70	84,80	65,10	3,20	154,40			
Bragança Paulista ..	229,50	350,00	200,00	155,20	310,00	1.085,50	-	-	-	174,40			
Campinas	210,70	351,70	188,20	112,00	316,30	1.050,20	95,80	-	-	124,20			
Catanduva	205,50	325,00	182,20	102,00	319,90	1.084,60	85,00	62,00	3,50	150,00			
Itapetininga	203,20	334,40	176,90	88,80	-	-	87,50	-	-	153,10			
Jau	215,00	358,20	189,40	114,40	318,50	1.062,10	85,00	-	3,30	-			
Marília	199,30	326,50	166,30	93,80	326,20	1.061,70	85,00	65,70	2,79	151,50			
Piracicaba	214,20	337,10	180,70	105,80	301,90	1.027,90	91,10	80,00	-	146,80			
Pirassununga	204,20	327,00	213,90	112,20	330,30	1.085,80	95,60	72,50	-	174,60			
Presidente Prudente.	205,80	340,40	157,40	78,60	304,50	1.076,50	85,00	71,50	2,28	159,10			
Ribeirão Preto	210,70	331,50	217,20	96,10	308,50	1.065,40	85,00	62,00	3,15	190,00			
S. José do Rio Preto.	198,40	306,70	182,50	114,10	332,20	1.072,90	85,00	65,50	-	-			
São Paulo	186,40	345,00	197,70	103,00	300,00	1.100,00	90,00	-	-	207,20			
Taubaté	198,90	334,80	210,00	119,20	-	-	-	-	-	240,00			
Preço medio ponderado do Estado	204,50	330,50	189,20	100,50	317,90	1.070,10	85,80	65,80	2,79	166,80			
Idem em Junho 1952	196,10	309,30	180,30	101,20	299,20	1.054,70	86,00	62,50	2,82	151,50			
Idem em Maio 1952	178,50	282,30	179,90	95,50	306,20	1.083,10	85,10	59,50	2,61	121,10			
Idem em Abril 1952	159,00	266,20	240,00	102,70	206,00	1.065,40	-	59,50	3,06	128,00			
Idem em Março 1952	166,10	274,30	209,30	108,50	309,80	1.076,50	-	60,20	3,36	107,00			
Idem em Fevereiro 1952	181,00	289,60	202,50	109,10	307,60	1.071,10	-	61,50	3,96	98,20			
Idem em Jan. 1952	161,00	258,80	205,40	117,30	307,90	1.057,40	-	57,90	3,74	91,60			
Idem em Dez. 1951	156,20	220,40	177,30	101,10	286,00	1.021,80	-	64,20	3,82	85,10			
Idem em Nov. 1951	121,90	198,70	160,00	87,90	288,10	1.042,80	-	61,50	3,78	82,50			
Idem em Out. 1951	111,60	190,70	146,40	77,60	306,60	1.031,00	95,00	60,00	3,71	99,70			
Idem em Set. 1951	106,40	186,20	157,20	75,00	305,50	1.024,80	90,10	56,40	3,34	117,10			
Idem em Agos. 1951	99,60	170,00	156,20	70,10	296,80	1.011,70	77,60	52,50	3,00	156,50			
Idem em Julho 1951	100,60	172,40	147,60	70,10	288,10	1.005,80	79,70	62,50	3,68	179,40			

(*) Dados de 1952 sujeitos a revisão posterior.

LEVANTAMENTOS ECONOMICOS DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

PREÇO MÉDIO RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

MÊS DE AGOSTO DE 1952 *

POR SETORES AGRICOLAS	ARROZ		FEIJÃO MILHO		C A F É		ALGODÃO EM CAROÇO		AMENDOIM MANIÇA BATATA	
	Em casca Scs. 20kg.	Benef. 60kg.	Scs. de 60 kgs.	Scs. de 60kgs.	Em coco Scs. 40k	Benef. Scs. 60k	Por arroba	Em casca Scs. 25kg.	Por Quilo	Scs. de 60 kgs.
Aragatuba	223,50	331,30	209,00	111,20	543,30	1.064,30	85,00	78,80	2,73	180,00
Araraquara	222,30	-	208,50	107,20	323,00	1.166,00	85,00	72,50	-	-
Avaré	222,40	338,10	196,00	95,80	316,80	1.035,70	85,00	66,00	2,27	156,50
Baurú	236,40	354,70	209,10	99,90	335,80	1.065,40	85,00	69,00	2,56	203,50
Bebedouro	214,10	363,90	218,00	98,80	332,80	1.065,60	84,70	55,70	2,65	197,80
Bragança Paulista	230,00	400,00	243,40	132,40	300,00	1.050,00	-	-	-	236,50
Campinas	238,30	360,00	240,00	125,40	340,10	1.079,20	93,20	-	-	167,20
Catanduva	221,40	363,40	214,70	112,90	344,40	1.057,50	85,00	84,50	2,73	217,60
Itapetininga	229,40	371,40	194,00	98,20	-	-	87,80	-	-	189,10
Jau	244,90	378,70	207,60	104,00	328,20	1.053,60	89,40	-	2,65	-
Marília	227,50	354,60	193,90	105,20	333,50	1.063,30	85,00	84,20	2,59	155,80
Piracicaba	242,40	364,00	230,80	113,40	324,50	1.039,30	93,60	70,00	-	180,30
Pirassununga	221,60	348,30	164,40	108,90	310,10	1.082,80	94,00	-	-	137,00
Pres. Prudente	225,40	353,80	207,90	92,20	327,60	1.030,20	85,00	76,40	2,43	160,40
Ribeirão Preto	247,40	362,60	263,70	103,50	313,80	1.072,90	85,00	90,00	2,53	160,00
S. José Rio Preto	215,80	336,70	207,20	115,70	345,90	1.054,00	85,00	-	-	-
São Paulo	200,60	356,10	213,10	111,50	300,00	1.000,00	-	-	-	204,20
Taubaté	213,00	380,80	240,00	128,30	-	-	-	-	-	220,00
Preço médio ponderado do Estado- Agosto	226,10	357,30	217,10	106,90	329,80	1.063,30	85,80	67,20	2,56	170,50
Idem em julho 52	204,30	330,50	189,20	100,50	317,90	1.070,10	85,80	65,80	2,79	166,80
Idem em junho 52	196,10	309,30	180,50	101,20	299,20	1.034,70	86,00	62,30	2,82	151,50
Idem em maio 52	178,50	282,30	179,90	95,60	306,20	1.063,10	85,10	59,50	2,61	121,10
Idem em abril 52	159,00	266,20	240,00	102,70	206,00	1.063,40	-	59,30	3,06	128,00
Idem em março 52	165,10	274,30	209,30	108,50	309,80	1.076,50	-	60,20	3,86	107,00
Idem em fev. 52	181,00	289,60	202,80	109,10	307,60	1.071,10	-	61,50	3,96	98,20
Idem em jan. 52	161,00	258,80	205,40	117,30	307,80	1.057,40	-	57,80	3,74	91,60
Idem em dez. 51	136,20	220,40	240,00	101,10	296,00	1.021,80	-	64,20	3,82	85,10
Idem em nov. 51	121,90	198,70	160,00	87,90	298,10	1.042,80	-	61,50	3,78	82,80
Idem em out. 51	111,60	190,70	146,40	77,60	306,80	1.031,00	95,00	60,00	3,71	89,70
Idem em set. 51	106,40	186,20	137,20	75,00	303,50	1.024,80	90,10	56,40	3,34	117,10
Idem em agos. 51	99,60	170,00	136,20	70,10	296,80	1.011,70	77,60	52,50	3,00	156,30

(*) Dados de 1952 sujeitos a revisão posterior.

SITUAÇÃO DA LAVOURA NO MÊS DE JULHO

Tempo:- O tempo decorreu seco, com precipitações ínfimas na metade do mês.

A temperatura mostrou-se com tendências para subir na segunda quinzena. Assim é que praticamente os benefícios trazidos pelas chuvas do mês passado desapareceram, começando diversas culturas a resentir o efeito da sua falta.

Os ventos castigaram os cafezais do planalto.

O preparo de terra para os próximos plantios começou a se tornar mais difícil. Entretanto, as condições continuaram favoráveis para o andamento das colheitas de café e do milho e arrancamento das soqueiras do algodão e do arroz.

Algodão:- No último dia do mês, as entradas do algodão nas máquinas começaram a ultrapassar a estimativa, pois atingiram 58.389.000 arrobas. Entretanto, não foram deduzidos desse total, as quantidades recebidas de outros Estados e as quebras de peso.

Contrariamente ao que foi dito no mês anterior esperava-se que a colheita, no corrente mês, atingisse pouco mais de 90% da safra prevista, como sucedeu no ano passado, mesmo levando em conta os dias chuvosos do mês anterior que atrasaram o seu andamento.

Mais de 80% do volume colhido, ou sejam 46.450.000 arrobas, provêm dos setores de Presidente Prudente, Marília, Araçatuba e São José do Rio Preto, onde as colheitas ainda prosseguirão durante o mês de agosto.

Nesses setores, a produção não só ultrapassou o esperado, como veio contrariar a suposição de que a marcha do algodão para o Oeste tivesse atingido o seu limite.

O atraso da colheita deve-se, em parte, à falta de braços e à insuficiência de beneficiamento das novas zonas produtoras.

A ameaça de racionamento da força elétrica, onde algumas máquinas são obrigadas a trabalhar 22 horas, paira sobre o término da safra.

Seja devido a uma reação do algodoeiro e dos ponteiros, em alguma zona, ou a dificuldades na colheita, esta só será concluída nas regiões algodoeiras mais novas somente em fins de agosto.

É provável que nas zonas de Valparaíso, Pereira Barreto e Nhandeara cerca de um milhão de arrobas venha a ser colhido até o fim da safra.

Esses atrasos, inclusive o do beneficiamento, retardarão, em parte, a entrega de sementes, contrariamente ao que sucedeu no ano passado, cuja safra foi menor e mais rapidamente colhida.

Persistem as dificuldades na execução dos dispositivos que tornam obrigatória a destruição das soqueiras e dos resíduos do algodão, ou seja pelo acúmulo de serviço, abandono das plantações, rendimentos insignificantes, pela migração de arrendatários ou pelo retardamento da colheita.

Teve início o abastecimento dos Postos de Vendas de Sementes para o próximo plantio.

No Setor de Araçatuba, para os lados de Pereira Barreto, e no de Marília a barranca do Rio Paraná, as expectativas de aumento de área para o próximo ano são positivas. Não são contrárias no setor de Presidente Prudente, onde reina a impressão de que esta sendo menos desfalcada de braços que migram para o Paraná. No setor de São José do Rio Preto e nas demais regiões algodoeiras mais velhas do Estado a tendência de aumento, em geral, é negativa devido ao elevado custo de inseticidas, adubos, mão de obra e outros fatores de produção.

As informações dos Agrônomos Regionais deixam patente que reina uma grande expectativa em torno de uma prévia definição de como seria assegurado o preço mínimo do algodão para o próximo ano e os respectivos agios. Dessa atitude do Governo e da perspectiva pelos preços do arroz e do milho, bem assim como das facilidades de fornecimento de sementes, inseticidas e adubos, dependerá nos próximos meses a maior ou menor procura de sementes.

Café:- Prosseguem bastante adiantadas as colheitas.

Não é possível estabelecer uma proporção entre o que falta para colher e o que foi colhido.

Nota-se, entretanto, que as pequenas propriedades e sítios estão, na maioria, com as suas colheitas mais adiantadas que as grandes.

É que em muitas regiões, além de outros fatores, a falta de braços contribuiu, em parte, para esse atraso, haja visto o preço que está sendo pago pela colheita a trabalhadores avulsos, isto é, de Cr\$. 30,00 a Cr\$ 40,00 por saca de cereja. Todavia, para colonos essa despesa vai de Cr\$ 15,00 a Cr\$ 20,00.

A falta de braços é mencionada, principalmente em zonas que foram ou são cafeeiras tal como Jau, Marília, Ribeirão Preto, Avaré, Sta. Cruz do Rio Pardo e outras.

Muito embora haja zonas onde a colheita se acha praticamente terminada, como na Central do Brasil, outras estão em plena atividade e outras ainda prosseguirão, provavelmente, até o mês de setembro ou

mais, tais como Piraju, Pompeia etc.

Os resultados que vêm sendo obtidos nas colheitas têm causado impressão de que a última estimativa, de 8.118.570 sacos de café beneficiado, seria bastante otimista, ou seja, de uma média de 7 sacos por 1.000 pés.

Levando em consideração os maiores cuidados culturais proporcionados aos cafeeiros nestes últimos anos, bem como o melhor rendimento do benefício neste ano, em relação ao ano passado, é de se esperar que esta previsão quase seja atingida, embora uma vasta região do Estado apresente médias de produção insignificantes, inferiores a 5 arrobas por 1.000 pés, como diversos municípios da Central do Brasil e do setor de Ribeirão Preto, Bebedouro e extremo norte do setor de São José do Rio Preto. Esses rendimentos, entretanto, serão compensados por melhores em outras zonas dos setores de São José do Rio Preto, Marília, Araçatuba e Avare.

Tal como aconteceu no ano passado, verifica-se em torno da última previsão, uma expectativa pessimista que determinou um posterior levantamento de quebra da produção. Esta, porém, neste ano, pode ser avaliada em 2,75% a menos, ou sejam, 223.000 sacos a menos, segundo os primeiros cálculos.

Quanto à ocorrência de broca, os relatórios assinalam a sua presença em Santa Cruz do Rio Pardo, Avare, Ourinhos, Chavantes e municípios próximos, em pequena escala.

Como foi dito, anteriormente, a praga mineira acha-se tão generalizada, que seria mais interessante conhecer onde as ocorrências dessa praga não se verificam. Apesar de constar ser a mesma resultante da falta de matéria orgânica e de seca, a sua incidência, segundo os relatórios, foi mais acentuada em Santo Anastácio, Limeira, Fernandópolis, Garça, Osvaldo Cruz e Bariri.

Outras pragas e moléstias são constatadas em diversas outras localidades, sem constituírem motivos para alarme.

Reina grande interesse pela irrigação, que está sendo iniciada em Ituverava e Dois Córregos.

Os relatórios mencionam embaraços que estariam ocorrendo na retirada de material para irrigação, na alfândega de Santos.

Continua intensa a procura de sementes " Bourbon Vermelho e Mundo Novo", para formação de viveiros e para as replantas de outubro e novembro.

De um modo geral, à medida que se vai procedendo a colheita, vai sendo feita a esparramação, limpeza e desbrota. Em geral, estão sendo feitas mais cedo do que nos anos anteriores.

Tendo em vista o melhor aspectos dos cafezais, há de um modo geral a expectativa de melhor safra em 1953.

A brotação vai mais adiantada na zona da Central do Brasil e outros pontos.

Em poucas localidades foram verificadas floradas.

Ainda é um pouco cedo para se ter uma ideia sobre os cafezais novos que entram em produção, o que se fará oportunamente. Entretanto, os relatórios mencionam bons rendimentos ocorridos em diversos pontos, que chegam a 150 arrobas por 1.000 pés, como Tiete e outros.

Além dos cuidados com o combate às pragas e da defesa contra a erosão e adubação, dia a dia vem merecendo maior atenção o emprego do "Composto".

A procura de resíduos de aviários também vem assumindo maior importância para tal fim.

Embora sejam escassas as notícias do sombreamento dos cafezais, o Agrônomo Regional de Garça levanta uma questão interessante sobre a arborização, tendo em vista a proteção dos cafezais contra os ventos frios que possivelmente representam preponderante papel na vitalidade do cafeeiro. A ação nefasta dos ventos é mencionada em diversos relatórios, entre os quais se destacam os de Garça, Oswaldo Cruz e Jaboticabal.

Cereais:— Ainda se colheu bastante milho durante o mês de julho.

Os rendimentos, apesar de baixos, de modo geral proporcionaram bons preços, o que está despertando maior interesse entre os lavradores, no sentido do aumento geral de área a ser plantada para o próximo ano, aumento calculável, para muitos municípios, em 80%.

O mesmo interesse se verifica com relação aos próximos plantios de arroz, com a diferença de que os lavradores se queixam quando se verificou a alta o produto não estava mais em suas mãos.

Os plantadores de trigo do sul do Estado e de algumas outras localidades, tais como Mogi das Cruzes, estão sendo prejudicados pela falta de chuvas na ocasião oportuna, principalmente as culturas feitas em terras de campo.

Vão melhores os trigais estabelecidos em terras de culturas e em baixadas frescas ou irrigadas, como acontece em Itapeva, na colina alemã de Paraguassu e Guararapes, respectivamente.

Cana:— Processamento e corte da cana de açúcar em todo o Estado, persistindo as notícias de interesse, cada vez maior, pela instalação de novas usinas e ampliação do plantio.

Entretanto, quebrando essa impressão, reina inquietação entre os pequenos produtores de aguardente quanto aos preços das requisições feitas pelo Instituto de Açúcar e do Alcool.

Juntamente com a posição assumida pelo município de Piracicaba na liderança da produção canavieira, merece destaque o relatório do Agrônomo Regional que focaliza questões importantes para o progresso açucareiro do Estado, tais como adubação, combate a acidez do solo, fertilização, irrigação, pesagem e transporte de cana e emprego de hervidores, prática essa que vem sendo experimentada.

Amendoim e Mamona:- Ainda se processa a colheita da mamona nos seus principais centros produtores que são Bariri, Jaz, Monte Alto, Lucélia e outros.

É grande a procura de sementes de amendoim em Presidente Prudente, para o próximo plantio das águas.

Raízes e Tubérculos:- A safra da batatinha da seca está, praticamente, concluída apesar de estarem sendo feitas colheitas em alguns municípios, tais como nos de Capivari, Sorocaba, Presidente Prudente e outros.

Essas colheitas tardias estão alcançando melhores preços.

Prosseguem os traços culturais e plantios de batata de meia estação, em Taubate, São João da Boa Vista e outras regiões.

Concomitantemente vai adiantado o preparo de terra para o plantio das águas. A diversidade de época de plantio e colheita de batatinha no Estado, tendo em vista a variedade de condições climáticas, é vantajosa para os produtores e para o abastecimento do mercado.

Prossegue a colheita e plantio da mandioca nos centros produtores do Estado e nas demais regiões.

A produção de amido de mandioca em Limeira atingiu 30.000 sacos.

Há grande procura de ramas sadias para o plantio e dificuldades para encontrá-las.

Igualmente prosseguem as colheitas da batata doce, mandiocinha, cenoura e cara, principalmente nos centros abastecedores da Capital.

As culturas do cara, nas proximidades da Capital, estão sendo desinadas por uma moléstia.

Fruticultura e Olericultura:- Os bons resultados da cobertura do solo dos bananais, com feijão mucuna, na re-

gião de Registro, indicam que a prática tende a estender-se.

Em Votuporanga, muitos bananeais estão sendo atingidos, ao que parece, pelo mal do Paraná.

Proseguem as colheitas das variedades da laranja baía e pera.

Em Santa Rosa 28.000 caixas de limão foram encaminhadas para a fabricação de ácido cítrico.

Os compradores de pomares para o próximo ano mostram-se reservados diante do tabelamento. Entretanto, há perspectiva que a próxima safra seja bem melhor e maior do que a deste ano.

Proseguem os estragos produzidos por ácaros nos mamoeais de Monte Alto, cuja exportação, segundo o Agrônomo Regional, se acha bastante diminuída em consequência da baixa dos preços resultantes, ao que se diz, do tabelamento.

Proseguem os tratos culturais dos pomares.

Cobertura dos figueirais, podas dos pecogueiros, vinhedos, pe-reiras.

Estão sendo feitas as pulverizações.

Houve grande interesse para o plantio dessas frutas de clima temperado, graças ao plano de fomento desenvolvido pela Secretaria da Agricultura, fornecendo mudas a longo prazo.

Proseguem as colheitas de morangos, cujos preços estão se tornando acessíveis a bolsa popular.

As plantações de melancia estão sentindo a falta de chuvas.

Aumentam as entradas de tomates de diversas procedências, quer para o abastecimento das indústrias de conservas, quer para o consumo natural.

Foi praticamente concluída a colheita do abacaxi temporão.

Processam-se as capinas dos abacaxiais e proteção da inflorescência contra o sol, em Orlandia, Brodosqui, São Joaquim da Barra etc.

Espera-se boa produção de alho em Lavínia.

Teve início a colheita de jaboticaba.

Diversos:- Esperam os plantadores de chá de Ribeira, a inclusão da exportação do produto, no regime de compensação.

(continua pag. 5)

Verificou-se uma alta geral nos preços pagos pelos frigoríficos com relação ao mês próximo passado. Todas as classes tiveram um aumento de Cr\$ 10,00 por arroba, exceção do " vitelo gordo " do frigorífico Armour, que foi de Cr\$ 15,00.

Gado de Leite:- Continua preocupando os produtores de leite a insuficiência da torta para arçoamento de seus rebanhos. Quase todas as regiões agrícolas receberam quotas muito aquém de suas necessidades. Diminuiu em quase todo o Estado a produção leiteira. Entretanto, no Vale do Paraíba a produção melhorou em algumas regiões. Isso se deve à forma de pagamento das usinas, que se baseiam na produção da seca para estabelecer a quota de cada produtor. Na região de Pindamonhangaba, vai ativa a campanha encetada pelo agrônomo regional, no sentido de dar as propriedades os recursos forrageiros para a época seca do ano. Na mesma região vacas de boa cruz holandesa estão sendo negociadas na base de Cr\$ 8.000,00.

Avicultura:- Sempre crescente o interesse despertado por essa atividade. Em Lins estão sendo instaladas várias granjas, o que virá beneficiar grandemente a região, pois, só em Promissão acham-se em funcionamento mais de 50 granjas, sendo assim, segundo o agrônomo regional, o 2º centro produtor de ovos do Estado. Extraordinário o desenvolvimento na região de Santo André que conta com os 20 novos registros no mês de julho, com cerca de 500 granjas. Todavia, a distribuição de farelo e farelinho de trigo, continua a merecer maiores cuidados, a fim de não obstar tão promissor desenvolvimento. Cumpre-nos relatar que um avicultor na região agrícola de Guarulhos, com a adoção de melão de cana numa proporção de 15% numa ração comum para poedeiras, tem obtido bons resultados, pois conseguiu aumentar de 87 para 88, 2% a percentagem de postura, num lote de 200 galinhas, num período de 14 dias. Além disso, notou ainda que as aves tornaram-se mais ávidas pela alimentação, os ovos alcançaram melhores tipos e as gemas começaram a apresentar melhor coloração.

Cotação:- Fornecida pela Associação Paulista de Avicultura).

Ovos de granja- Caixa de 30 dúzias- média do mês de julho.

Casca branca		Casca vermelha	
Tipo especial	Cr\$ 410,00	Tipo especial	Cr\$ 450,00
Tipo A	390,00	Tipo A	410,00
Tipo B	370,00	Tipo B	380,00
Tipo C	330,00	Tipo C	330,00

Mercado em baixa .

Aves: - Raça especializada de corte.

a) galinha	Cr\$ 19,00	quilo vivo
b) frango	22,00	" "
c) galinha leghorn	17,00	" "

Mercado em alta.

Suínocultura:- Nota-se desinterêsse pela criação nos principais centros criatórios do Estado, devido ao alto preço do milho, que constitui único alimento empregado na engorda. O preço do porco magro na região de Itarare e Itapeva varia entre 300 a 400 cruzeiros a cabeça e o gordo de 180 a 200 cruzeiros a arroba. Foram observados focos de peste suína em Itapetininga, Itapeva, Capão Bonito, Apiaí, sendo que no Vale da Ribeira rebanhos inteiros foram devastados.

Cotação:- (Fornecida pelo Sindicato da Industria do frio).

Frigorífico Armour S/A .

(Preço de compra até 14/8/952 posto frigorífico p/arroba)

Suino gordo média de
80 quilosCr\$ 210,00

Suino gordo média
de 80 quilosCr\$210,00

mais de 40% superior àqueles vigentes na mesma época do ano passado .
Nota-se dificuldades no abastecimento do produto tanto na Capital como no interior do Estado.

Na Bolsa de Cereais de São Paulo, o mercado transcorreu de calmo a firme, durante o mês de julho.

Feijão:- Os preços no interior acusaram ligeira alta em relação ao mês passado. O preço médio recebido pelos lavradores foi de Cr\$ 189,20 em julho e Cr\$ 180,30 em junho. Na Bolsa de Cereais de São Paulo o mercado esteve firme.

Exportação para o Estrangeiro pelo Porto de Santos, em 1952
(toneladas)

PRODUTOS	Janeiro a maio	junho	julho
Café (sacas 60 Kg)	3.290.351	580.894	709.620
Algodão em rama	12.177	6.341	...
Algodão " linters"	5.567	1.542	...
Resíduos de algodão	595	174	...
Piolho de algodão	-	-	...
Milho	25.460	-	-
Arroz	8.027	-	-
Fragmentos de arroz	10.016	-	-
Amendoim em casca	94	84	59
Amendoim descascado	605	-	-
Mamona	1.419	-	150
Çá	25	60	9
Fecula de mandioca	253	258	456
Óleo de limão	24	-	1
Herva mate	674	103	180
Laranja (caixa)	50.101	53.155	9.675
Banana (cachos)	4.751.346	915.606	913.583
Banana Flakes	65	21	...
Bambu	32	4	...
Cafelina	13	-	...
Cacau	-	-	...
Carne em conserva	-	-	...
Carne salgada	-	-	...
Cola de ossos	-	-	...
Cera de carnauba	-	-	...
Cera de abelhas	-	-	...
Couros curtidos	-	-	...
Couros de porco curtido	-	-	...
Couros salgados e secos	2.761	26	...
Crina animal	46	5	...
Farinha de chifres e ossos	312	44	...
Farinha de sangue	-	-	...
Farelo de amendoim	2.465	-	...
Farelo de babaçu	-	-	...
Farelo de gergelim	453	-	...
Fios de algodão	2.854	-	...
Fumo em folhas	12	-	...
Glandulas congeladas	59	10	...
Madeiras	9	47	...
Manteiga de cacau	70	-	...
Mentol	94	43	...
Óleo de amendoim	-	-	...
Óleo de eucalipto	3	-	...
Óleo de hortela	28	11	...
Óleo de mamona	4.837	381	...
Óleo de sassafras	37	6	...
Óleo de tungue	160	200	...
Ossos	161	-	...
Pelas silvestres	46	10	...
Resíduos de fiação	23	-	...
Resíduos de raion	114	-	...
Sangue seco	233	132	...
Tecidos de algodão	18	-	...
Torta de algodão	241	-	...

ntes:

- 1) Divisão de Economia Cafeeira.
- 2) L. Figueiredo S/A
- 3) Divisão de Economia Rural
- 4) Associação Comercial de Santos.

Importação do Exterior pelo Porto de Santos, em 1952
(toneladas)

PRODUTOS	janeiro a junho	Julho(*)	PRODUTOS	janeiro a junho	Julho (
ADUBOS			Cravo	-	-
Clorato potássio	3.250	453	Damasco	-	-
Fosfato	3.592	5.475	Ervilha	339	31
Salitre do Chile	6.264	-	Extrato tomate	-	-
Sulfato de amônio	830	500	Figo seco	-	-
Sulfato potassio	630	-	Grão de bico	260	58
Superfosfato	28.581	2.738	Leite em pó	1.115	527
Hiperfosfato	-	-	Lentilha	-	-
Adubo químico n.e.	14.709	15.925	Maça	14.019	2.030
ARAME E GRAMPOS			Malte	4.269	504
Arame farpado	6.842	2.807	Malte cevada	755	-
Grampos p ^a cerca	288	185	Melão fresco	149	-
BEBIDAS			Noz em casca	151	-
Aguardente	87	22	Peixe	358	31
Champanha	7	-	Pera	10.092	327
Uisque	420	40	Peru congelado	-	-
Vinho de mesa	3.354	355	Pêssego fresco	106	-
Outras bebidas	591	15	Pimenta em grão	208	40
FERRAMENTAS			Queijo	2	-
Enxadas	7	-	Tamara	119	1
Foiceas	70	10	Uva fresca	3.183	112
Machados	286	71	Uva passa	92	-
FIBRAS E FIOS			ÓLEOS E GORD. VEGETAIS		
Fibra cânhamo	-	-	Azeite de oliva	1.855	49
Fibra linho	60	5	Óleo de pinho	54	-
Fios algodão	148	142	MADEIRAS		
Fios cânhamo	37	-	Madeira n.e.	-	-
Fios lã	248	14	MÁQUINAS		
Fios linho	1.900	444	Tratores pertences	9.951	1.523
Fios raion	219	4	PRODUTOS HERVANARIA		
Juta	7.158	2.342	E SEMENTES		
Lã	2.087	350	Alpiste	250	69
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS			Jarina	-	-
Alho	895	154	Lupulo	351	3
Ameixa fresca	640	-	Palha de Guiné	1.031	-
Ameixa seca	72	-	Semente de flores	20	-
Amendoa	64	-	Semente de hortaliças	6	-
Anohova	118	-	PRODUTOS QUÍMICOS		
Azeitona	4.463	270	D.D.T. em pó	1.479	107
Aveia	2.495	168	Fungicidas	101	6
Aveia	1	-	Hexacloroto benzeno	681	127
Bacalhau	8.289	771	Inseticidas	3.974	835
Batata(e semente)	68	-	Óleos essenciais	1	0
Canela	51	6	TRIGO E FARINHA TRIGO		
Castanha	-	-	Farinha trigo	14.533	-
Cevada	11.391	2.047	Trigo em grão	223.835	34.661

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio da Associação Comercial de São Paulo.

(*) Dados suscetíveis de aumento.

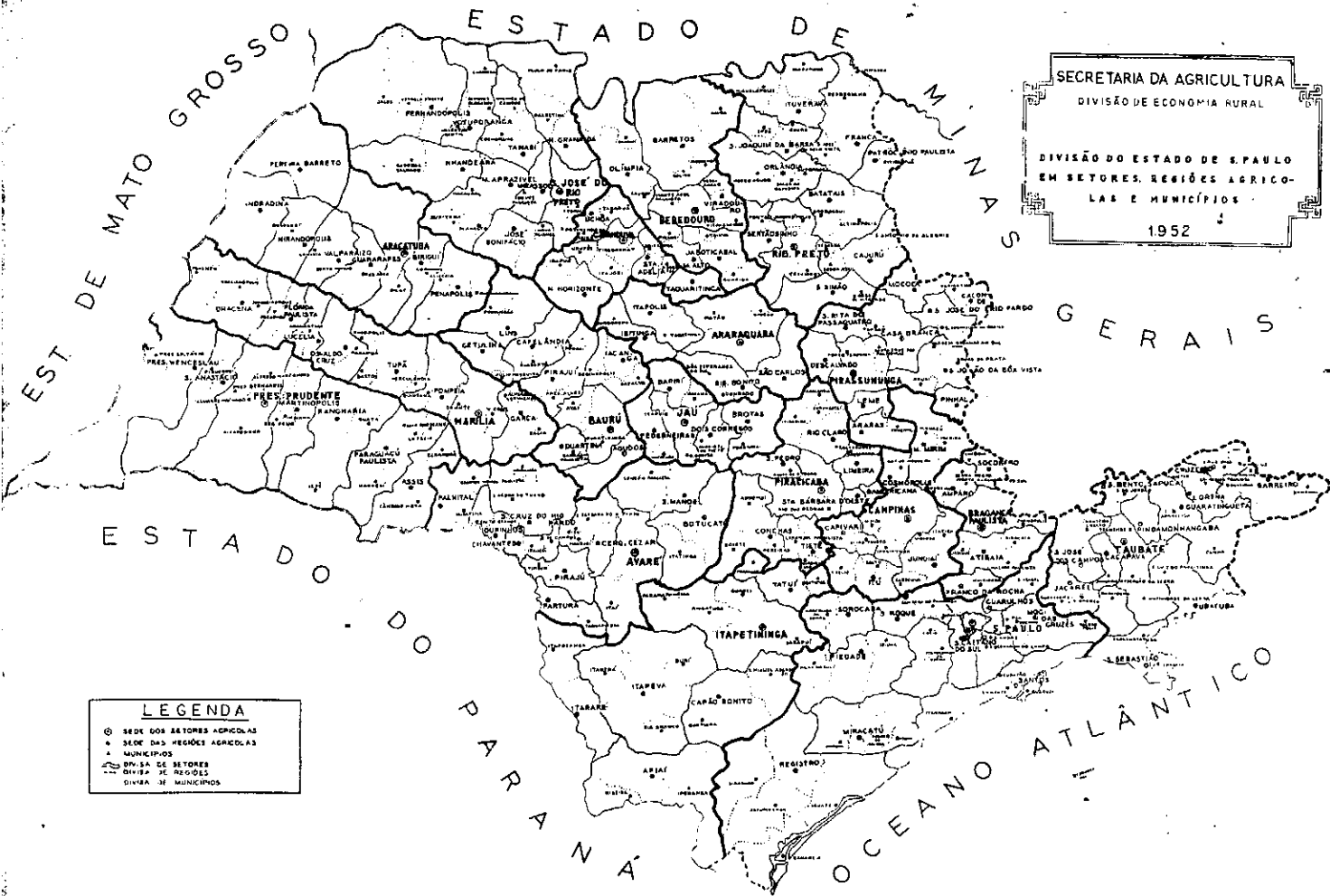
Importação de Cabotagem Pelo Porto de Santos, em 1952

(toneladas)

PRODUTOS	janeiro a junho	julho (*)	PRODUTOS	janeiro a junho	julho(*)
ADUBOS			Batata	-	378
Adubos	1.507	195	Cacau	485	58
BEBIDAS			Cafe	-	-
Aguardante	855	89	Carne	426	128
Vinho mesa	12.202	1.258	Carne de porco	291	160
Outras bebidas	75	5	Castanha	50	15
BERRAIS			Cebola	14.980	2.036
Arroz	12.207	12.484	Coco	2.119	399
Aveia	54	-	Coco ralado	546	48
Cevada	976	404	Condimentos	175	-
Milho	30	-	Conservas	3.467	379
PRODUTOS ANIMAIS			Doces	185	9
Cera de abelhas	82	6	Extrato tomate	1.726	28
Crina	429	107	Farinhas aliment.	3	-
Peles	192	27	Farinha mandioca	940	340
IVERSOS			Fécula mandioca	701	-
Fumo em folhas	2.974	651	Feijão	568	101
FIBRAS E FIOS			Leite de côco	259	42
Algodão	10.445	502	Lentilha	346	50
Carca	1.665	159	Peixe	329	79
Côco	8	1	Pimenta	58	6
Juta	3.516	1.585	Sal	129.741	15.615
Lã	2.564	1.171	Tapioca	52	-
Malva	1.647	79	MADEIRAS		
Paina	29	3	Canela	704	199
Plaçaba	359	91	Cedro	932	94
Sisal	1.877	450	Embuia	828	145
Uacima	161	121	Freijo	194	-
Fios de algodão	5	-	Peroba	366	274
Fios de coco	-	-	Pinho	15.582	4.176
LEOS E GORD.VEGETAIS			Sucupira	254	4
Cera de carnaúba	67	-	madeira n.e.	3.982	508
Cera de curicuri	18	-	PROD. DE HERVANARIA		
Manteiga de cacau	558	75	E SEMENTES		
Óleo de babaçu	1.873	44	Alpiste	830	60
Óleo de car.algodão	2.420	255	Babaçu	8.180	794
Óleo de côco	80	54	Guarana	53	26
Óleo de linhaça	1.579	744	Gergelin	68	-
Óleo de óticaica	85	-	Curicuri	100	21
Óleo de sassafras	28	-	Semente ucuúba	509	-
Óleo de tungue	11	4	RESIDUOS E TORTAS		
Óleo de ucuúba	-	-	Resíduos algodão	761	115
Sabo de ucuúba	216	-	Torta de cacau	258	24
ENFEROS ALIMENTICIOS			Torta n.e.	-	-
Açúcar	79.884	255	TRIGO FARINHA TRIGO		
Açúcar cristal	-	-	Farinha trigo	1.187	50
Canha	2.854	290	Trigo em grão	15.666	2.685

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio" e Associação Comercial de São Paulo.

) Dados suscetíveis de aumento.



SECRETARIA DA AGRICULTURA
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
 EM SETORES, REGIÕES AGRICOLAS E MUNICÍPIOS

1952

LEGENDA

- ⊙ SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- SEDE DAS HECIÕES AGRÍCOLAS
- ▲ MUNICÍPIOS
- DIVISÃO DE SETORES
- DIVISÃO DE REGIÕES
- DIVISÃO DE MUNICÍPIOS